LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 34 — 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibos

O NOTICIARISTA dos «vient de paraitre» no nosso colega «A Capital» escreveu o seguinte no seu artigo de sabado:

«Como um guarda fiscal ponho as luvas brancas para vêr até ao fundo o que Antonio Ferro nos mandou ha dias».

Este sistema de fazer critica literaria pregando os olhos ávidos no contrabando não é positivamente de guarda fiscal. Deve ser de apalpadeira.

***

Aparecerá brevemente á venda um livro de Augusto Ferreira Gomes intitulado «Procissional».

***

FOI descoberto um ether que obriga a dizer a verdade. O meio mundo que vive duvidando do outro meio, aguarda ansiosamente que o produto maravilhoso ingresse no mercado.

Esposos, simplesmente desconfiantes ou simplesmente traídos, amantes a todo o minuto espicaçados por uma incerteza — morrem por efectuar a experiencia que ha de matá-los.

Inconscientes, ignorantes!

Ha uma verdade que o novo ether não arrancará de nenhuma alma—a verdade do amôr. Porque ela não existe, porque o amôr é todo ilusão, artificio, inconstancia, e porque é assim, vestido de falsidades que ele nos prende.

A verdade no amôr!

Mas no dia em que ela fôr descoberta, todos nós temos que gravar no peito — «Aqui jaz»...

***

OS oficiais da policia srs. Tribolet e Boavida, que no sabado pediram a demissão, ainda não foram exonerados. Parece que o sr. presidente do ministerio receia que outros oficiais lhes sigam o exemplo.

Quanto ao sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, não será ousado afirmar que o sr. ministro do interior aceitaria de bom grado o seu pedido de demissão.

E satisfeito com todos as satisfações dadas ao sr. Lelo Portela o sr. dr. Bernardino Machado ficaria satisfeito se aquele, por sua vez, resolvesse tambem ir-se embora.

***

CRIADOS e criadas vão reunir esta noite.

A classe está indignada contra o regulamento que a obriga a registo na policia. A parte feminina, sobretudo, jura que nem á mão de Deus Padre se deixará registar. Que é uma afronta, um rebaixamento, una vilania:

A gentil creadita de sala e voltas admite apenas—e em principio — o registo civil. Para a cosinheira gordalhuda, registo— tambem eu queria!—só o do fogão.

Uma provocante *femme de chambre*, da confiança da sua dama e da desconfiança do marido, interrogada sobre o assunto, explodiu:

—Registar-me, nunca! Já estou registada pela patroa e até com valor declarado!

A efervescencia de espíritos é assustadora. Vamos assistir, á certa, á revolução social dos criados. Mas não nos aterrorisemos.

Por muito horrivel que ela seja, não chegará por certo a atingir os horrores da revolução domestica que êles fazem em casa de todos nós.

A COMEDIA DA BARAFUNDA

Estamos em vesperas duma crise ministerial que tudo leva a crer se arrastará lentamente, até que se chegue a uma dessas soluções que representam como fenomenos de estabilidade uma provocação ás leis do equilibrio.

O actual governo feito de elementos divergentes, de interesses partidarios opostos achou-se logo, no principio, perante os problemas da nossa crise, na situação dum homem que, tendo de empreender uma longa e perigosa viagem, começa por deitar fóra o roteiro que lhe havia de guiar os passos.

Qual á primeira condição para um governo governar, dados os complexos e graves problemas da vida portuguesa?

A unidade de vistas que, logicamente, impõe a unidade de esforços. Por muito que valham alguns dos actuais ministros, o facto de cada um deles trabalhar quasi em plena independencia, sem uma ligação organica de pensamento e metodo com os seus colegas, torna a sua obra uma coisa fragil e inconsistente, incapaz de resistir por si ao primeiro pé de vento.

O sr. presidente do ministerio, cujo espirito ligeiro e volatil o leva facilmente a reduzir a gazetilhas as dificuldades urgentes e imperiosas, sendo talvez um homem providencial, quando uma mão suave e amavel possa conduzir a nau governativa para a ilha dos Amores, no momento em que nos encontramos carece de sciencia e energia de mando que os acontecimentos reclamam.

O seu governno, bem servido por uma esplendida cordealidade, em qualquer parada de cumprimentos e venias, está mal provido de leme para romper os impetos e bravezas duma tormenta.

Todos nós temos visto como ele se encontra fóra da compreensão da hora presente, divagando á aventura, com a ideia de descobrir qualquer sombra consoladora, para repousar das suas tremendas fadigas.

Por seu lado, o Parlamento, dividido e subdividido em partidos, grupos e magotes, consome a sua actividade em discussões que se nem sempre primam pela elegancia, tambem se não recomendam pelo zelo patriotico de bem servir o país. Ninguem mesmo os mais notaveis e influentes parlamentares, deixa de reconhecer a necessidade da sua dissolução, visto que ele constitue um embaraço primacial para a formação dum governo solido que possa vencer, portanto, os males que nos afligem.

Parece, no emtanto, que existe o proposito de o manter de pé, no successo ruidoso da sua incapacidade funcional, como fazem aqueles proprietarios de predios urbanos que preferem morrer debaixo das ruinas destes que reconstruir qualquer dos seus muros, emquanto é tempo.

A nação inteira reconhece os sacrificios a que terá de submeter-se para se salvar, mas exige que não lhe transformem a sua salvação num sudario de miserias.

Porque não a ajudam, nesta justa aspiração, que, depois de tudo apurado, é um indicio claro de que os nossos homens publicos, caso queiram renegar a politica mesquinha que nos asfixia, terão ao seu lado seis milhões de portugueses?

O RESSURGIMENTO

(Dosenho de Almada Negreiros)

—O meu ideal era viver numa ilha deserta para ser obrigado a trabalhar.
—Já não é necessario, ha um novo "fox-trot" que dá exactamente essa impressão.

QUEIXA-SE o sr. Antonio Maria da Silva de que os senhores deputados não aprovam medidas criadoras de aumento de receitas.

A tais queixumes respondem os srs. deputados com esta pregunta:

—Quais são as medidas do sr. ministro das finanças?

E em boa verdade o sr. Antonio Maria da Silva apenas pediu a discussão da lei de contribuição de registo, da autoria do sr. Pina Lopes, e da de contribuição de juros da autoria do sr. Rego Chaves.

Preguntamos nós:

—O que têm com isso os ferozes detractores da obra (?) do ministro?

E respondemos a nós proprios:

—Nada.

O actual titular da pasta deseja unicamente adoptar medidas para aumentar as receitas, sem pretender empavonar-se com os direitos de autor.

***

Mantem-se em Lisboa a comissão dos estudantes de Coimbra mordida de desejos de se avistar com o sr. ministro da instrução—que está em Vila Real...

A faculdade de sciencias de Lisboa já aderiu á greve.

Parece que o sr. dr. Julio Martins tenciona fazer um pequeno alto em Coimbra, de regresso da capital trasmontana.

***

PARECE que se vai estampar ou cunhar na Casa da Moeda, uma quantia equivalente a 3:000 contos, destinada á provincia de Angola.

***

A INGLATERRA, de quem Portugal é velho aliado, não vê com bons olhos que outra potencia assuma qualquer predominio, entre nós. Quando a Espanha pretende tomar qualquer resolução a nosso respeito, procede sempre com a maior lealdade, ouvindo o governo inglês.

***

COMO já noticiou o *Diario de Lisboa*, o dr. Nilo Peçanha chega a Lisboa no dia 24, a bordo do *Massilia*; Prepara-se uma grande manifestação de simpatia, em que intervirão pessoas em destaque na politica, comercio e finança. O governo vai oferecer ao ilustre amigo de Portugal um almoço.

***

SOBRE a situação politica, um parlamentar conhecido pela sua muita prudencia disse-nos:

—«Acho que será quasi um crime derrubar o actual governo, sem que se saiba quem lhe há de suceder.»

***

A HISTORIA dos quatro marechais que alguem teve empenho em criar, não passará duma anedota breve e singela. Antes assim, para que se não diga que o nosso exercito está ainda em pé de guerra.

***

EM Coimbra, os admiradores e amigos de Antonio Augusto Gonçalves preparam-lhe uma homenagem digna do seu nome, publicando uma *plaquette* em que colaborarão artistas e escritores dos mais notaveis da nossa terra.

***

AUGUSTO Casimiro está em Coimbra assistindo á impressão do seu *Livro das Bem Amadas* que deve ser o grande sucesso do proximo mês.

SPORT

Foot-ball

O Sporting é batido pelo Atletico por 4 bólas a 1

A's 17 horas, os dois «teams» entram em campo. O Atletico fica contra o vento e o desafio principia. Os pretos saem, mas perdem em seguida a bola, O Sporting arranca, favorecido pelo vento e pelo bom jogo de Perdigão, meia esquerda, e Jaime, que está energico.

Os casapianos avançam por sua vez, apesar de fustigados pelas nuvens de pó, e aproximam-se. Oliveira, que constata o ponto fraco da defesa dos leões, (Luis Ferreira está destreinadissimo) passa constantemente á asa esquerda, que nem sempre aproveita. As avançadas vão-se repetindo, num e noutro campo, e por vezes bem conduzidas. As defesas dos dois «teams» trabalham a valer. No entanto, a do Atletico está mais segura. O primeiro tempo vai passando e os leões não conseguem vantagem com o vento. Quasi no fim, os pretos teem uma série de passagens junto das redes do Sporting e Oliveira remata forte e alcança o 1.º ponto, superiormente. Grande ovação.

Bola ao centro e os três avançados interiores do Sporting fazem uma avançada esplendida, rematada por Jaime e a qual Guerra consegue segurar.

Na segunda parte os casapianos ajudados pelo vento atacam bem e rapido.

Jorge apesar de bastante maguado está em toda a parte. A bola mantem-se no seu campo e após uma defesa de Amadeu, Loureiro marca a 2.ª bola. Os peões, porém, não desanimam e continuam com a mesma energia a medir o campo adversario desejosos de marcar.

Perto dos 18 metros o Atletico é castigado com um pontapé livre. E' J. Rodrigues que marca. O Atletico, conhecendo o remate desse jogador, põe os olhos nele e espera, deixando Jaime absolutamente descoberto. Rodrigues que vê esse descuido aproveita-o, e em vez de apontar forte, coloca a bola nos pés de Jaime que assim alcança a 1.ª e unica bola para o seu «team».

Pouco depois Nunes recebe um canto e remata com a cabeça, Amadeu lança-se, mas tropeça, cai e a bola entra.

Foi o 4.º e ultimo ponto do Atletico. O desafio continua energico. Perdigão troca com José Rodrigues, mas o resultado não se modifica e termina a 1.ª mão da final com a derrota do Sporting por 4 bolas a 1.

Os jogadores

Se olharmos á forte ventania, temos que reconhecer que não se pode fazer mais do que se fez. Dispendeu-me muita energia e bastantes vezes bom «sociel». O mais fraco dos dois «teams», José Ferreira, Foi o furo do Sporting.

A arbitragem de Rogerio Peres foi imparcial embora precipitada na marcação do «penalty» contra o Sporting.

Do mesmo campo jogou-se o 2.º desafio da 3.ª categoria para apuramento de campeões, entre o Bemfica e Foot-ball, Bemfica, vencendo o primeiro por 3 a 2, tendo por isso que pagar outro desafio para decidir.

J. L.

O ARCO DE ALMEDINA

Uma carta do sr. dr. Alves Moreira

Sabiamos de antemão que o sr. dr. Alves Moreira não deixaria de responder ao eco publicado no «Diario de Lisboa» de sexta-feira. Essa publicação foi propositadamente feita para que o ilustre professor, que nos merece toda a consideração, tivesse ensejo de refutar o que a seu respeito se vem dizendo.

A seguir damos, pois, gostosamente, a carta que o sr. dr. Alves Moreira acaba de enviar-nos:

Sr. Redactor—Um amigo meu comunica-me que no seu conceituado jornal vem uma local a proposito do pequeno Arco de Almedina em que se diz que esse Arco não cairá não obstante a campanha contra a sua existencia ser soprada por um lente de Direito.

O professor de Direito a quem V. alude devo ser eu, por sem duvida ter chegado a esse jornal o conhecimento de que intervim nesse assunto. Não lhe foi, porém, transmitida a minha intervenção como o devera ter sido, ou V. não interpretou bem o que lhe foi relatado. A verdade é esta:

Tendo-me procurado um dos membros da Comissão Executiva da Camara Municipal de Coimbra para me dizer que ela entendia que o pequeno Arco de Almedina não continuasse no estado em que se encontrava, e que desejava saber se eu cooperaria com ela para que esse Arco fôsse demolido, facilitando a sua expropriação, respondi que nenhuma duvida tinha em cooperar com a Camara para esse fim, desde que adquirisse uma loja de que a maior parte do Arco é pertença, a qual era necessaria á Coimbra Editora, Limitada, para alargar a sua livraria. Ajustou-se então a compra da loja e do Arco, e declarei á Comissão Executiva da Camara Municipal que o Arco seria posto á sua diposição desde que quizesse efectivar a deliberação que havia tomado.

Não pedi a demolição do Arco, não pugnei por ela e sou *completamente estranho* á campanha que sobre o assunto se levantou.

Nem a Coimbra Editora, Limitada, nem os meus prezados amigos srs. Pinto & Soto Maior têm na demolição do Arco o minimo interesse. Creio até que lhes convirá a conservação do Arco, em cuja demolição haveria graves dificuldades por causa de um edificio a ele contiguo, cuja solidez seria comprometida, tornando-se necessaria uma despesa importante para a sua conservação, despesa que teria de ser feita pela Camara Municipal, o que, sem duvida, a levaria a pôr de lado a projectada demolição.

Coimbra, em 14 de Maio de 1921.

Sou etc. De V. *Guilherme Alves Moreira.*

JOIAS de bom gosto tem á venda a firma BARRÊTO & GONÇALVES, L.da (JOALHEIROS) R. Eugenio Santos, 17

ARTE E ARTISTAS

A exposição Eduardo Viana

Depois de tanta exposição de uma acentuada mediocridade, vista tanta obra sem outro significado que a pobreza emocional e técnica em que os nossos artistas se debatem, pudémos contemplar emfim, para não desesperarmos desta falencia de valores, a série de trabalhos actualmente exposta por Eduardo Viana na Casa de Antiguidades, da rua Nova do Almada.

De há muito que todos os que com ele privavam e conheciam o seu mérito lh'a andavam demandando, certos de que o conjunto das obras mais perfeitas e significativas que houvesse produzido, seria, ao dar-se ao publico, força bastante para o arrancar do anonimato a que se condenara.

Eduardo Viana porém, não tinha pressa. A austera disciplina a que sujeitara o espirito, levára-o á obstinação de apresentar-se unicamente quando, senhor de uma técnica própria e de uma estructura homogenea, visse realizadas todas as suas procuras no dominio da sintese creadora.

As teorias constructivas do espirito novo, o contacto com os mestres das mais modernas tendencias picturaes como Robert Delaunay e Sonia Terck, de quem foi durante longos mezes companheiro de trabalho, o estudo fecundo da obra de Cézanne—«le primitif d'une nouvelle voie qu'il a decouvert»,—contribuiram para lhe acentuar o caracter, dando-lhe, com a complexidade e a força mágica dos ensinamentos, a posse total do *métier*.

Soára, emfim, a hora de vencer pelos seus meios peculares de expressão plástica; e abandonando as terras do Minho e Douro onde se havia refugiado para mais vivamente sentir numa plenitude de conjunto a vibrante apoteose da natureza, volta a nós, seguro da vitória que vae obter, abrindo uma exposição de setenta e sete trabalhos a oleo, cêra e gouache, conjunto mais que bastante para instruir a critica e o publico sobre as suas qualidades artisticas.

A'parte a exposição do malogrado Amadeu de Sousa Cardoso, realizada há anos nos salões da Liga Naval, nunca, até hoje, me fôra dado olhar, nesta Lisboa teimosamente anacrónica, mais brilhante e desinteressada *étalage* de pintura, onde a audácia e a disciplina se unam e completem, creando «uma harmonia cheia de beatitude realista e sublime», como a propósito de Derain escreveu Guillaume Apollinaire.

Conta Maurice Denis que falando com Cézanne um dia, sobre as suas teorias picturaes e os principios que as regiam, o mestre de Aix lhe confessara, para sintetizar a sua maneira, «que havia querido fazer do impressionismo qualquer coisa de sólido e duradouro como a arte dos Muzeus».

Toda a obra de Eduardo Viana, impregnada do espirito creador que afirma o mérito das modernas correntes, assenta sobre esta fórmula.

Havendo por nocivo o que num quadro não tenha utilidade, relega a usurpação dos pormenores narrativos, a mediocridade dos detalhes, condensando as suas emoções em linhas essenciaes.

Ao espirito analitico dos pintores impressionistas, opõe o espirito construtivo herdado de Cézanne.

Evitando fazer da arte um simples deleite para a vista, desdenhando a pintura sensual, «que traduz apenas um fragmento do espaço» e a pintura de visão «que não dá senão um fragmento do tempo», Eduardo Viana tende ao conhecimento intimo das coisas, representando-as nas suas partes indispensaveis, no que elas possuem de estructural e constante.

A sua obra caminha da realidade visual para a realidade ideal, substitue a verdade dos sentidos pela verdade do espirito, obtendo esse máximo de equilibrio e saturação que, segundo Elie Faure, é a caracteristica das telas de Cézanne.

Para ele, como para Seurat, conforme Bissière, o unico objectivo do pintor é fazer quadros no sentido que Ingres dava a esta palavra, isto é, arquitecturas vivas organizadas conforme as leis eternas, procedendo de uma matemática superior onde a intuição e a razão se completam e amparam. D'ahi a profundeza pictórica, o sentido monumental e eterno da sua obra, de que a *Serra do Pilar* (numero 39 do Catálogo) é um dos mais claros exemplos.

Ligado á tradição que sugestiona e guia os artistas de hoje, Eduardo Viana prescruta a alma da terra portugueza, construindo os seus equivalentes plásticos na medida da sua emoção.

O casario dos bairros pobres das velhas cidades, a vida inquieta dos ancoradouros turbilhonantes de mastros, a tranquilidade alegre dos nossos jardins saloios, a riqueza da nossa paizagem e dos nossos costumes exuberantes de ritmo e de côr,—tudo isso ele nos sugere num sadio e vigoroso entusiasmo creado pelo seu grande amôr á vida, aos sêres e ás coisas, «source de tout art».

Com a exposição de agora, viveu Eduardo Viana um grande e seguro exito.

Em luta aberta contra a rotina, mostrou á maioria o giro novo da arte, nessa revelação de planos e distribuição da côr.

A sua obra é toda a energia da grande época que começa, deixando entrevêr na linha ascensional da sua emoção gisada no supremo libertamento da consciencia moderna, a labareda profética de um dominio mais alto e fecudo.

A. Rodrigues-Pereira.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 17—Resa-se infra Oitava, duplêx 1.ª classe, paramentos vermelhos. Missa propria, Credo e prefacio Proprio.

LAUSPERENE—Na capela de Nossa Senhora da Saude.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa soléne da reposição do sagrado Lausperene, por musica; S. Roque, ás 8 1|2 missa.

CAPELA DA SAUDE—A's 12 horas, exposição do SS.mo em lausperene e festa á Senhora da Saude, com missa soléne por instrumental, orando o rev. Agostinho da Mota; ás 19,30, Ladainha e Te-Deum, por instrumental.

NOVENA A SANTA RITA—*S. Julião*—A's 18 horas, por musica e Pratica.

MÊS DE MARIA—Nas igrejas onde se faz essa devoção.

Monserrate—A's 21 horas, mês de Maria, por musica.

NA CAPELA DA MEMORIA (EM BELEM)—E' recebido o Sagrado Lausperene no dia 19, havendo as seguintes festividades: Recepção do Lausperene e festa a S. José, ás 12, por musica; ás 18 horas, Obra de Instituição, por musica. Dia 20, festa ao Senhor das Misericordias e Coração de Jesus, ás 12, por instrumental e sermão; ás 18, Hora da Instituição, por musica. Dia 21, ás 12, festa á Senhora das Dores, por musica e sermão pelo rev. Fiadeiro. Dia 22, ás 12, festa a Santa Rita de Cassia, tercia e missa soléne por instrumental e sermão pelo rev. Angelo Firmino da Silva; ás 18, conclusão da novena.

LENHAS

Cortadas para fogão e postas á porta do comprador

Cêpa, azinho e sobro, secos a 100$00 a tonelada. Pinho a 90$00 a tonelada. Peso garantido.

Rua da Junqueira, 200

Telefone C. 1882

Companhia Portuguesa de Preparações de Carnes

ESTÁ A PAGAMENTO desde o dia 5 até 20 de Maio a 2.ª prestação das acções desta Companhia á razão de 10 o|o por acção ou sejam Esc. 10$00: em Evora no escritorio da Companhia; em Lisboa e Porto, na casa bancaria Pinto & Soto Mayor. Pede-se aos srs. accionistas a fineza de apresentarem as suas cautelas da 1.ª prestação.

A Direcção.

LAVOURA MECANICA

Promovidas pela Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada, realizam-se no proximo domingo, ás 3 horas da tarde, em Vila Franca de Xira, nos terrenos fronteiros á quinta das Areias, propriedade do Ex.mo Sr. José Pereira Palha Blanco, experiencias de lavoura mecanica com a auto-charrua alemã W. D., (não é um tractor), genero de maquina novo em Portugal.

Foi graças ás auto-charruas W. D., Stock e outras, que durante a guerra a Alemanha conseguiu manter a sua lavoura em grande prosperidade, apesar da enorme falta de braços.

Os comboios convenientes são o tramway que parte do Rocio á 1,20 e para regresso o que sai de Vila Franca ás 7,20.

UM LIVRO DE VERSOS

"NAMORADOS,,

por Virginia Vitorino

Morrem poetas, nascem poetas, como as rosas sucedem ás rosas. Ha tempos lá se foi Gomes Leal, o poeta inesquecivel e inegualavel das *Claridades* e da *Historia de Jesus*. Dias antes entrara-me a porta o *Namorados*, livro primogenito que D. Virginia Vitorino trazia para a arena das letras.

Eu conhecia, dispersos por jornais e revistas, uma parte dos *Sonetos* que a ilustre senhora tirou á luz no seu formoso livro. Já o publico letrado, ha anos, quando da sua apresentação feita no *Seculo da Noite*, a saudou com a convicção de que era *alguem* que chegava. Caminhou o publico, ao passo que de tempos a tempos saiam versos com a sua assinatura, da benevolencia para o interesse, do interesse para a admiração. Nada mais justo. Tinha nascido para as derreadas letras patrias uma poetisa digna deste nome, continuadora da nobre dinastia espiritual das Sigeias, das monjas-poetisas do decimo-setimo e decimo-oitavo seculos, das Alornas e dessa saudosa Maria da Cunha, que a terra do Brasil esfarela.

Boa foi a resolução de enfeixar em livro os sonetos dos *Namorados*. Por via de regra, o jornal passa, o livro fica. E este ficará com certeza, porque é para ser lido e entendido por muitas gerações.

Transluz daquelas páginas uma amorosa alma de mulher, ora serena e confiante, ora impaciente e impetuosa. Aqui sente-se a alegria de viver, que dá a certeza do amor correspondido, o amor que remoça, que redime, que refaz uma vida, que nos faz sentir, como as Pitonisas antigas, Deus em nós mesmos, sem sabermos explicar que comunhão de luz divina é essa que nos deslumbra até as entranhas:

O amor! o amor! Ninguem o definiu
E' sempre o mesmo. Acaba onde começa.
Quem mais o sente menos o confessa
E quem melhor o diz nunca o sentiu.

Conhece a todos mas ninguem o viu.
Se o procuramos, foge-nos depressa,
Se o despresamos, todo se interessa,
Só está presente quando já fugiu.

E quanto mais se quer, menos se alcança,
E' homem feito sendo uma criança,
Ninguem o encontra e em toda a parte móra.

Mata a quem dêle vive. E' sempre assim,
Só principia quando chega ao fim,
Morreu ha muito e nasce em cada hora.

Mais além é a dôr contrafeita, reprimida, as lagrimas mascaradas com riso, o desespero da duvida, do ciume mortificante. E' a hora negra, a hora amarga que todos têm atravessado, ou aquela hora não menos temerosa da certeza do abandono, em que todas as ilusões desaparecem, resvalam para um abismo: um vazio infinito, uma inanidade desconsoladora que as grandes palavras e as grandes divagações para outras esferas de acção não vingam preencher. Leiam-se as provas irrefragaveis, estes documentos humanos que são logo o soneto de entrada e ainda *Não sei, Aleluia, Futilidade, As tuas cartas.*

Os versos desta senhora são singelos de factura e parecem-me sinceros de inspiração—duas qualidades primeiras numa verdadeira obra de arte. Vivem, pulsam, arquejam de sentimento e de verdade. Alguem aventou, e a propria poetisa o deu a entender num relanço duma entrevista, que os versos do *Namorados* foram forjados a sangue-frio, quero dizer, mais com a cabeça que com o coração. Havemos de crê-lo? Mas, assim mesmo, seriam uma obra de arte, sobretudo porque o talento de composição da autora nos faz crêr precisamente o contrario... Quem não diria, então, levado na engenhosa aparencia, que devem ter sido mui fundamente experimentados os estados de alma, que esses decassilabos denunciam, tão repassados agora de enternecida saudade, logo de tão alvoroçada esperança?

«Não ha que fiar na sinceridade da mulher que diz amar», têm escrito filosofos e romancistas que se picam de penetrantes em psicologias femininas. Poderá tal assacar-se á autora do *Namorados?* E' possivel; mas o seu livro redarguie vitoriosamente áquela sentença.

Ponham nele os olhos ossrs. jornalistas de moeda fraca e os Aristarcos comesinhos, e digam-me se ele não emerge acima de quasi todos os livros que diaria e insistentemente nos proclamam como obras de genio do alto dos seus jornais ou das suas paginas de critica.

Eu por mim desejaria que a este canteiro de flôres viessem perfumar-se as almas áridas e os corações insensiveis dalguns poetastros de amor que torjulham por esse país fóra.

E' uma poetisa que surge, uma poetisa digna deste nome. Abramos alas á sua passagem, tirando respeitosamente o nosso chapeu, e dêmos-lhe o lugar que por direito de conquista lhe compete entre as que melhormente metrificam nesta terra de Porrugal.

M. Cardoso Martha

Livraria PORTUGALIA Editora

Gabinete de Leitura

Portuguesa
Francesa e Hespanhola

9.000 obras dos melhores autores

Completa variedade de ROMANCES

Poesia—Historia—Filosofia—Arte—Finanças, etc., etc.

Mensalidade 1$20

Catalogos 1$50

75—Rua do Carmo—75

ARTE & LETRAS

A CRIOULA

POR

CARLOS BABO

—A policia... Lá anda a policia! Está a casa cercada... E' um ninheiro de crimes! —A Gertrudes do Bombarral... A Tomazia de Idanha-a-Nova... A Rosa da outra banda... Um nunca acabár. Ah! Ms a policia descobriu! Marôta! *Grandecissima* patifa! E a dinheirama que ela forrava por cada coisa daquelas?! Para as matar, afinal?

Eu ouvia estas exclamações indignadas e estava meio pateta, sem perceber o que diabo déra causa a tanto extremunhar da cólera publica.

—O' mulherzinha, faz-me um favor?—perguntei com um sorriso forçado, mas prudente, a uma matrona de barriga empinada, cara redonda e córada, que tocava com o queixo no esterno alçado e acabava de gesticular muito, tremendo-lhe ainda, soltos e vastos, os seios sobre o abdomen.

—Que é que o senhor quer?—perguntou, por sua vez, com maus modos, erguendo a cabeça e a barriga ao mesmo tempo.

—Era se fazia o favor de me dizer o que foi que aconteceu...

—Ora, o que havia de ser! Uma desavergonhada que a policia descobriu ali... Uma mulher que matou já umas poucas poucas de raparigas! Dizia-lhes que lhes desmanchava os meudos, e vai-se a vêr e dava mas é cabo delas tambem. Um monstro! Um demónio!

—Ah!—disse eu.

—Ah? E' isto mesmo que eu lhe digo! Quem não sabe do oficio, não se meta nele! Grande pouca vergonha!

Quando a mulherzinha proferiu as ultimas palavras, já eu, tirando o chapeu, agradecido, e com o mesmo sorriso prudente e forçado, lhe voltava as costas e ia pensando comigo:

—E o mais bonito é que o diabo da mulher resume em poucos e incisivos termos... E' isso mesmo! *Quem não sabe do oficio não se meta nele!* Que, sabendo... a impunidade é certa!

Mas, de subito, reconsiderei... Talvez não seja tão certa como parece. Há casos estranhos que dão que pensar... E puz-me a recordar um, há alguns anos sucedido.

Havia uma casa apalaçada, de dois andares e torreões, que logo se via que era de gente rica, se bem que a arquitectura não destoasse da feia pobreza acocorada ou esguia, das nossas arrebicadas avenidas. Tinha jardim nas trazeiras, que lograva serventia independente de um dos lados do predio, por largo portão com chapa grossa de ferro. Do outro lado entestava o palacete com dois prédios de três andares, que se seguiam colados um ao outro.

Residia ali um sujeito, que herdara do pae alguns centos de contos de réis, compreendendo o valôr sólido de duas grandes quintas, mimosas em moradias, lenhas e aguas, fartas de milho, que esbracejavam rubicundas cêpas, ao sol, entre Douro e Minho.

Fortunato de Sousa pouco se lhe dava destes viçosos ninhos, se olharmos á beleza da côr e á harmonia de céu que os cobre e anima. Habituado ao viver amolecido, olheirento e perverso da cidade, limitava-se a recomendar, que lhe trespassassem, os caseiros, pontualmente, a meação em dinheiro, limpas as eiras e despejados os lagares e alambiques. Casara com a filha segunda de um banqueiro. Loura, de linhas fortes, mas finas, Maria Eugenia, sobre ser herdeira de nobilissimos metais, era tida como das mais elegantes de Lisboa. Além dela, o marido amesendou no casal, três creadas, um creado, um guarda-portão, um «Terra-Nova» e uma macaca oferecida em tempos por um amigo que a trouxera de Moçambique. Era um primate de pêlo cinzento, estatura robusta, meiga e inteligente, a que Fortunato de Sousa tributava familiar estima e de que todos cuidavam com graciosa simpatia. Chamava-se *Crioula*.

Maria Eugenia foi mãe quinze mezes depois de casada. Comquanto a natureza lhe tivesse feito o supremo e orgulhoso bem de lhe deixar, depois do parto, os seios exuberantes, a mulher de Fortunato de Sousa, com inteira acquiescencia deste, quiz que a filha fôsse amamentada por uma ama. Receava que esses nobres cuidados da maternidade lhe desfeiassem a mocidade galante...

Que, felizmente, tinham bens sobejantes para essa despeza; e, por isso, sem faltar nada á creança, podia defender-se dos estragos que via n'outras ainda mais novas—dizia.

A filhita, aos dois anos, era formosa, perfeita, nos grandes olhos azues escuros, nos aneis largos do cabelo farto, que lhe rompia da cabeça em ondas de ouro, na bôca pequena, entreaberta sempre em sorrisos, por onde espreitavam os dentinhos brancos de leite, nas faces rósadas, nas rosquinhas aveludadas dos braços e das pernas, e, sobretudo, na vivacidade do espirito alvorescente, naquela auréola que quási se vê irradiar das almas, como um banho de luz tremendo sobre os corpos das creanças.

Fortunato de Sousa, embora tendo a *Crioula* em conta de pessoa de familia, tinha-a sempre presa, á cautela, e por vaga reminiscencia ancestral talvez...

Entretanto, um dos mais caros entretimentos da filha era brincar com a macaca. A ama sentava-se ao pé da *Crioula*; esta deitava-se e pousava a cabeça no regaço da pequena, que lhe fazia meiguices, coçava-lhe a cabeça, puxava-lhe as orelhas, fazia que lhe batia... Depois dava-lhe biscoitos... castanhas... nozes... E passavam assim horas seguidas...

Era uma sesta de Junho. Estava de visita a Maria Eugenia uma sua antiga condiscipula, mais velha em quatro anos, casada de pouco mais tempo e mãe de três filhos. Era dos arredores de Viana do Castelo e tinha vindo esperar um irmão que regressava de Nova-York

....

—Já três?! Que horror! Eu pasmo, Ermelinda — dizia Maria Eugenia á sua amiga — como tu consentes... Deixa-te d'isso, menina. Por isso tu estás velha! Estás um esqueleto!... Oh! Até tens brancas! Deixa vêr... Olha... aqui... e aqui... Nem pareces tu!

—Então, que hei de eu fazer? E' vontade de Deus! Tem de ser... Isso é lá coisa que se queira ou se não queira?! Sempre tens cada uma! — respondeu a amiga.

—Pois olha, eu tenho uma filha e não quero mais. Quero-lhe muito, isso quero! Quero-lhe como as meninas dos meus olhos! Mas... um chega muito bem. Ora!

—Oh Maria Eugenia! Não digas isso! Ninguem póde dizer isso! Se eles vierem... que has de tu fazer?!

—Mas ahi é que está... Eu não quero que venham e não vêm.

—Deus é que manda, não és tu! Isso não depende da nossa vontade...

—Oh mulher — replicou Maria Eugenia — mal de nós se assim fôsse! Ouve...

E Maria Eugenia, aproximando-se de Ermelinda, falou-lhe ao ouvido uns minutos. A amiga, á medida que Maria Eugenia lhe segredava, empalidecia e tinha gestos de repulsa e de indignação.

—Mas isso é um horror! — exclamou Ermelinda, levantando-se e ficando de pé em frente de Maria Eugenia. E rematou com voz surda:

—Isso é matar!

—Não digas tolices — respondeu, encolhendo os hombros, Maria Eugenia.

—Tem cautela, Maria Eugenia, tem cautela... — disse Ermelinda.

E chegando-se muito perto de Maria Eugenia, Ermelinda continuou de mansinho, afagando-lhe os cabelos:

—Olha lá, não tenhas de te arrepender! Eu não sei... não sei... Mas diz-me o coração, que isso não se deve fazer.

—Ora! Creancices! — volveu Maria Eugenia.

—Bem, seja — respondeu Ermelinda. — Tenho muita pena que assim penses; mas... não falemos mais nisso... Olha, o que tu tens é uma filha encantadora! E como ela fala tão correctamente! Que idade tem ela?

—Dois anos e meio quási.

—E' uma gracinha a tua filha!

—Ah isso é—acudiu Maria Eugenia—Se tu visses!... Se por aqui estivesses mais tempo, havias de vêr! E' um amôrsinho! Inteligente... muito viva... E não deu maçada nenhuma a crear. As noites muito boas... muito pouco chorona... e andou muito cedo, sabes? Ainda não tinha onze mezes. E' doida por mim...

De repente, as duas mulheres emudeceram, de olhos pregados na porta da sala onde estavam a conversar, e que estava encostada... Eram gritos desesperados pela casa fóra:

—Oh! minha senhora! Minha senhora!

—Que desgraça!

—Acudam... Acudam...

—Entram as creadas em tropel na sala. Mal podem falar... dizer o que aconteceu... o que as aflige. Estão sufocadas!

Maria Eugenia e Ermelinda, pálidas, a tremer, interrogam-nas.

—A *Crioula*... A *Crioula*... A menina estava no terraço do jardim a brincar... A *Crioula*... Oh! meu Deus!...

Mas a criada não póde continuar, sufocada por soluços.

—O que foi? O que foi! — grita Maria Eugenia, correndo, como doida, pelo corredor, direita ao jardim.—A minha filha? Onde está a menina? O que aconteceu á minha filha?

—Em cima do telhado—consegue dizer uma creada desfeita em chôoro.—Ouvimos chorar muito... Corremos... Já não fômos a tempo. A *Crioula* tinha-se desprendido... Anda com a menina ao colo em cima do telhado. Subiu por acolá...

E apontava uma grande mimosa, que chegava os ramos floridos até cima do varandim de um dos torreões.

—O quê?! A minha filha ao colo da *Crioula*... no telhado! Eu endoideço, meu Deus? Vão-me buscar a minha filha... Corram... Eu quero a minha filhinha...

E já na rua, nas janelas dos predios fronteiros, toda a gente, suspensa, mal respirava, horrorisada deante do que via. A *Crioula* passeava sobre o telhado, imitando a ama a adormecer a creança. Tinha-a nos braços, balanceava-a... Apertava-a contra o peito. A creança chorava cheia de medo e maguada. E a *Crioula* continuava a imitar a ama, chegando-lhe o focinho á cara, com o gesto repetido de a acariciar com beijos.

Alguem lembrou que se chamassem os bombeiros. Telefonou-se. Em pouco tempo chegou um carro e logo outro. Ergueram-se duas Magirus. Mas, mal o capacete de um bombeiro, faiscando ao sol, surgiu á beira do telhado, a *Crioula* correu para o outro lado. Vendo, porém, a gente que se tinha junto tambem no jardim, segura a creança pela cintura com um braço, sobe a um torreão próximo do prédio visinho, pula para o telhado desse prédio e desce para outro. A pobre creança, com a cabeça pendurada, esbraceja e grita desoladoramente. Uma vez longe dos perseguidores, a *Crioula* senta-se no dôrso do telhado, ao pé de uma chaminé, e, a fazer momices, entretem-se, segurando a creança entre as pernas, a catar-lhe vertiginosamente os caracoes dourados. A pobre menina, sem forças já para chorar, olhava com os grandes olhos desmesuradamente abertos, a tremer toda de medo, a feia carantonha do animal, que se apossara de si, como se fôsse uma boneca! A *Crioula*, de momentos a momentos voltava a cabeça para todos os lados, a sondar o telhado em todos os sentidos, com os olhitos duma mobilidade doida, sumidos, como o fundo de um abismo, no sopé das altas arcadas superciliares.

Em baixo, na rua, ninguem descançava. Afluia gente de toda a parte, e o instincto de uma desgraça iminente sufocava as almas. Levara-se um terceiro e um quarto carro de socorro para a frente do prédio onde agora a *Crioula* anediava os cabelos louros da filhita de Maria Eugenia. Subiam as Magirus deante dos olhares anciosos da multidão. Nas trazeiras dos prédios apinhava-se gente nas escadas de serviço, e os mais arrojados tomavam posições no alto das escadas dos limpa-chaminés, ao pé dos telhados, esperando que a macaca, perseguida do outro lado, fôsse ter ali, e lhe pudessem arrancar a creança.

Maria Eugenia era um farrapo de mulher, desgrenhada, arrepelada, desabotada pelos desesperos, os olhos sêcos, abertos, espantados, as faces chupadas, os dentes cerrados, entorpecida pela dôr brutal, cambaleante entre os braços de Ermelinda e de Fortunato de Sousa, que chorava como uma creança. Estavam na rua tambem, em frente do prédio para onde a *Crioula* lhes levara a filha, de olhos fitos nos beiraes.

Entre este prédio e o seguinte mediava um espaço de três metros, que a *Crioula* não podia facilmente galgar. Mais uns minutos e os bombeiros cortam-lhe a retirada. Tendo visto o perigo, a *Crioula* foge com a creança para um espaço livre, á borda do telhado, sobre a rua. Mas as telhas estão cobertas de um musgo esverdinhado, macio e corredio... Na precipitação em que foge para ali, escorrega mesmo á beira das telhas. O instincto da conservação domina-a de todo; abre os braços, para se agarrar aos beiraes, onde fica um momento suspensa, firma-se, dá uma cambalhota para cima e em dois pulos desaparece pelos telhados.

No momento, porém, em que a *Crioula* abriu os braços para se agarrar, a creança rola no espaço como uma dobadoura, e, no meio de um grito da multidão, grito unico, imenso, espantoso, afirmação real da alma humana, que se evola dos corpos e se ergue em vibrações que alastram e se confundem nas mais altas harmonias do espirito do Universo, a filha de Maria Eugenia esfacela á cabeça dourada no parapeito da varanda do segundo andar e vai despedaçar-se toda nas pedras do passeio, mesmo aos pés da mãe, que correra, desvairada, para a receber nos braços, mas, tendo-lhe faltado as forças, toldados os sentidos, caira para traz sobre o busto de Ermelinda, que mal a pôde suster, emquanto Fortunato de Sousa se lançava, doido de desespêro, aos beijos nos pedaços sangrentos do corpo da filha...

Clarinha

SONETOS

I

Um dia... o Dia ha de nascer ainda
Para a minh'alma, com mais luz que a luz,
Mais sol que o sol; uma manhã tão linda,
De uma divina claridade á flux!

Manhã de graça virginal e infinda,
Como a que viu raiar, entre bambus,
Lirios e palmas, S. José á vinda
Desse Presepio, em que nasceu Jesus.

Vesper no Azul!... a refletir num lago
A Estrela d'Alva, ei-la raiando em mim,
N'ante-manhã de um sonho incerto e vago!

Já canta em minha Noite um rouxinol,
Rouxinol... rouxinol de Bernardim;
Meu pranto:-orvalho?!... Surge, surge, ó Sol!

II

Em teus olhos de sonho, em marezia,
Os meus olhos madrugam, christãmente,
Fugindo á noite que cai sobre a gente,
Para viverem um eterno Dia!

Mas ai, Amor, ha um abismo, em frente
Do teu olhar, que o meu me distancia;
Purgatorio, onde a Alma em agonia,
Anceia a sua Hora transcendente!

Porêm entôa a Prece, que eu entôo,
Ao Deus que existe oculto em nós, e assim
Transponhamos o abismo dum só vôo!

Que a Hora linda, transcendente e anceada,
Transposto o Abismo, ha de chegar, emfim,
Ao clarão de uma Eterna Madrugada!

Augusto de Santa Rita

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Uma carta

**Meu amor: Foi cruel a tua carta;
— a tua carta desdenhosa, injusta —
Contudo o que me dizes não me assusta,
Porque em verdade tambem eu estou farta.**

**Cançaram-me afinal as tuas queixas
Monótonas, iguais, desenxabidas.
São inuteis censuras, descabidas,
Nesta hora cruel em que me deixas.**

**Achas-me ociosa, futil, incapaz
Duma grande afeição sincera e boa,
E desvairado vais falando á tôa,
Estranho ao mal que o teu desdem me faz.**

**Contudo foste o unico até hoje,
Por quem fiz sacrificios sem pezar;
Como é dificil aprender a amar!
Como a ventura mais perfeita foge**

**E afinal qual o motivo emfim,
O motivo fatal que assim te pôs?
Não é crime, suponho, o pó de arroz,
Nem faz mal perfumar-me de jasmim.**

**Sou futil, meu amor? E' natural...
Adoro tomar chá no Trianon,
Dou a vida, feliz, por um bonbon,
Mas não sei onde esteja nisto o mal.**

**Gosto imenso de rendas, de vestidos,
Do meu carmim, de fitas, de perfumes,
Mas francamente, amor, os teus ciumes
De tudo isto, crê, são descabidos.**

**Depois se a vida inteira te sorri
Se vais ao club, e jogas, perdes, fumas,
Porque has-de detestar as minhas plumas
E o meu chapeu de sol «dernier cri»!**

**Não me crimines, vê primeiramente,
Que somos ambos feitos dum só barro,
E que mais não merece o teu cigarro
Do que o meu pó de arroz inconsistente.**

* * *

**Quando há culpas, amor, o verdadeiro
E' calar-se o culpado, pois sem isso,
Pode virar-se ás vezes o feitiço
Contra o queixoso e falso feiticeiro.**

Maria Fernanda

Eduardo Viana

Realizou-se, sabado, o banquete de homenagem a este artista

Realizou-se, no sabado, o anunciado banquete de homenagem ao pintor Eduardo Viana, cuja exposição constituiu um dos maiores triunfos da nova geração. Entre outras pessoas lembramo-nos de ter visto os senhores: Conde de Valenças, Alberto Jourdain, Antonio Soares, José Pacheco, Jorge Barradas, Alvaro de Andrade, Victor Falcão, Francisco Franco, Antonio Ferro, Bernardo Marques, Sanches de Castro, Raul Lino, Gomes Mota, dr. Antonio de Menezes (Ruy de Veras), Ferreira Gomes, Geraldo Coelho de Jesus, João Correia de Oliveira, Francisco Lage, Almada Negreiros, Francisco Amaral e Georgeanto de Avelar.

Brindaram entusiasticamente o ilustre pintor os senhores dr. Gomes Mota, o pintor Alberto Jourdain em nome dos artistas novos da Belgica, o escritor Antonio Ferro, o pintor Almada Negreiros, o caricaturista Sanches de Castro, o pintor Francisco Franco e o poeta Georgeanto de Avelar.

No final o pintor Eduardo Viana agradeceu em frases comovidas a homenagem que se lhe acabava de prestar.

MÁ-LINGUA

O famoso Decreto

**O nosso incomparavel Bernardino
num rasgo do seu magico talento,
matou agora um morto Parlamento;
(gesto habil, machiavelico, ladino...)**

**Assim se torce o curso do Destino,
e se apagam três anos num momento!
Assim a Historia, a Vida, o Firmamento,
pódem ser um brinquedo de menino!!**

**Mas... Vá recuando! E' só questão de treino...
Talvez agora, chegue a Par do Reino.
Rejuvenesça! Eu compreendo essa ancia,**

**embora me pareça que, em verdade,
não tem que procurar a mocidade
quem já se encontra na segunda infancia!**

TAÇO

ESCRITA Á MAQUINA
3$00 por mez
TAQUIGRAFIA
Escola Central
RUA DA TRINDADE, 30, 2.º
(Frente ao largo Bordalo Pinheiro)
DIRIGIDA POR SENHORA
Maquinas de todos os sistemas

CONVERSANDO COM X

O dia de um elegante, na cidade de Lisboa, em maio de 1921

No "fumoir" de Leonio de Rosas e Balgas — A sua vida alfacinha — A tarde do Chiado — Na janela do Tauromaquico — Em casa da marqueza do Barrabás — A hora da Havaneza...

Olho o meu relogio que se encrava na platina do anel. São três horas. O criado que me anuncia, veste a libré elegante da manhã — calça verde escura, avivada a branco, colete de mangas. Entro no *fumoir*. Leonio de Rosas e Balgas avança para mim, depois pára numa mesura profunda e beija-me a ponta dos dedos.

— «Jasmim de *Coty*, não?»

Eu aspiro o fumo que sobe do seu Havano, galantemente deposto num cinzeiro de *Wedgwood*.

— «*Hayo-Mont'Rei*, não?»

Constatámos que somos dois *gourmets* do olfacto, e quando me sento no acolhedor *fauteuil mapple*, tenho a impressão de que nos entendemos por meias palavras. Leonio de Rosas está irrepreensivelmente vestido. Sómente, lhe encontro a pequena nota de mau tom do jaquetão em veludo verde myrto, mais proprio, talvez, para receber senhoras á hora do chá. Eu, propositadamente puz o meu *tailleur* do *Redfern*, a toque de penas de pavão, as luvas de canhão alto, e regozijo-me intimamente da ligeira falta de Balgas. Este, olha as mãos, numa contemplação encantada. Reparo que, no anelar se abre numa sardonia transparente o seu complicado brazão.

— «Meu caro Balgas, estou aqui convidada por *André de Fouquières* para conhecer a sua vida de elegante alfacinha. A França preocupa-se comigo!

—«Meu Deus, Clarinha! — Deixe-me dar-lhe este nome amigo. Eu vivo como toda a gente; não mereço...

Encantadora modestia! Admiravel ignorancia da vida, que leva Leonio a imaginar Lisboa povoada de elegantes desocupados, servidos por lacaios correctos, vestindo-se do *Pool*, «manucurados», «massados», vivendo num scenário rico, entre moveis antigos, gravuras preciosas, bronzes delicados. Tento dissuadi-lo.

—«Meu amigo, a maior parte dos homens que por ahi vê, deixam a sua falsa elegancia á porta da casa, que lhe é aberta por uma criada de chinelos. Logo no corredor, cheira a refugado; e no quarto, que dá para o saguão, existem apenas os moveis horrendos e indispensaveis. Você é o verdadeiro, o autentico elegante, que honra a nossa Patria.

E Leonio de Rosas fala emfim:

—Vou contar-lhe a minha vida—não leio, minha amiga, nunca escrevo. O meu secretario rabisca as cartas aos amigos ausentes; para Lisboa e Porto basta o telefone. Levanto-me ao meio dia; ás duas estou pronto.

Interrompo:

— Mas, Rosas e Balgas, em Paris...

Leonio ergue a mão pálida, num protesto.

—No estrangeiro a manhã existe. Em Lisboa é a hora de expôr as miserias nacionais. Percorrem as ruas as carroças do lixo. As varinas deixam pingar sobre nós os rabos das pescadas. Na Avenida um sol ardente queima os transeuntes. A poeira céga-nos. Saio ás cinco horas. Da «Havaneza» ao chapeleiro, levo a tarde toda; para aqui, para acolá, discutindo quem passa. E' a hora em que as burguezinhas endomingadas, chapeu sobre os olhos, pintadas de loiro, se miram nos vidros das montras. Já conhece o Chiado. Na Havaneza, os homens pseudo-graves, na Brazileira, os criticos, á porta do Borges, os hospedes, no *Bénard* os timidos. Na Marques as marquesas, —como é natural—Interrompo-o—Mas ainda ontem lá passei—Nenhum marquês!

—Como se engana, minha pobre amiga! *Tutti marchesi*!

—Uns, feitos pelo senhor D. Manuel, outros pelo senhor D. Duarte—mas todos marquezes. Qualquer de nós possue no nosso passado um vago titular, que, depois de sete gerações, reaparece como novo.

Nos tempos da monarquia, essas honras pagavam-se, e cada pae contentava-se em ter um filho que continuasse o seu nome — agora gratis — cada filho, cada titulo, e até sucede ser o mais velho visconde, o segundo conde, o terceiro duquê. — Eu, por exemplo, fui feito marquez de Párali pela senhora D. Aldegundes, regente do reino — titulo de meu decimo quarto tio. Ah! não me cumprimente! — Mas como ia contando mais abaixo, é o chapeleiro onde acaba a minha peregrinação.

— Abanei a cabeça, apertei as mãos num protesto de indignação contra o odioso engano. Mas já o marquez de Párali mudara de assunto.

— A's sete horas subo ao «Tauromaquico» e chego á janela. Debruçado, braço a braço com o A. A., o P. B., o J. de M., gozo a delicia de mostrar:

A' multidão pasmada
do alto d'um varandim,
a minha elegancia, iluminada,
vestida de setim.

— Mas isso é do Pimenta! exclamei eu, indignado.

— E', é do Pimenta, mas eu usu-os para mim — são os unicos versos que eu compreendo; é a sinfonia do *Eu* subjectivo, é...

— E ás oito? interroguei eu, perfidamente.

— A's oito, querida condessa — (Balgas engrandece os que o rodeiam para se sentir numa atmosfera aristocratica), ás oito, meia hora de espada franceza, no gremio, ás nove, o jantar, aqui, em minha casa. E' Pires jantar-se no *restaurant*. O meu criado toca na pianola musicas adequadas ao momento — «o Festim de Balthazar de Rosenbruk», *L'après midi d'un faune*, de *Debussy* — mas esse trecho só uma vez por semana — o Banquete da «Lucrecia Borgia» — o «Brinde» do Hamlet.

A's 10 e meia entro em casa da marqueza de Barrabás ou da condessa de Pirilau — jogo o *bridge* ou o *bluff* com uma condescendencia desdenhosa, como Morney...

— E vae ao club?

— Ao club, á noite?! Nunca! Esses clubs, onde os homens tomam a côr esverdeada dos panos das mesas e onde pelas três horas cheira a pó de arroz barato, *Flores del Campo*, e em que os jogadores estão enervados e as jogadoras pedinchonas e em que todos—eles e elas— têm as mãos *poisseuses*, dos licores das dansas — ah, isso nunca, prefiro a senhora mais ordinaria, á mulher mais fina — e Rosas, marquez de Párali, sorri docemente.

Falta-me interrogá-lo sobre o amor. Mas neste momento soam cinco horas, e, como *Sherazade*, calei-me. E' a hora da Havaneza...

Clarinha.

SELOS, BILHETES POSTAIS E MAIS FORMULAS DE FRANQUIA

A falta de selos

deve-se a um descuido da Administração Geral

O sr. Anibal Lucio de Azevedo desvenda-nos a misteriosa desaparição

O sr. Anibal Lucio de Azevedo, fechara-se á chave, no seu gabinete, e dera ordens a um impenetravel continuo, que até ás duas horas não receberia ninguem.

Foi com este mesmissimo continuo, que esbarrámos quando quizémos falar com s. ex.ª. Apesar de declinarmos o nosso *metier*, apesar de evocarmos a amabilidade do director da Casa da Moeda, para com a gente dos jornais, o terrivel continuo foi inabalavel e não recuou um milimetro sequer, nas ordens que recebera.

A nossa insistencia, porém, demoveu-o, e ao fim de meia hora confessou-nos um meio, simples e rápido, de conversármos cinco minutos com o sr. Anibal Lucio de Azevedo: era recorrermos ao telefone.

E separados por uma frágil parede, o sr. Lucio de Azevedo no seu gabinete, o jornalista na *cabine* da Casa da Moeda, entabolámos, através do fio, esta palestra:

—Desculpe, sim? Aqui, *Diário de Lisboa*, para o incomodar...

—Um pouco matinalmente, vamos!...

—Quereriamos que nos revelasse o motivo da falta de estampilhas e de bilhetes postais no mercado. Será possivel?

—Pois sim, meu amigo! A falta de bilhetes postais, deve-se á falta de cartão.

—Mas há tanto tempo!

—Que quer. O cartão é fabricado numa das dependencias da Administração Geral dos Correios e até hoje, ainda aqui não recebemos nenhum, para o chancelar, carimbar e enviar para as tabacarias. D'ahi a falta, que preocupa tanto o seu jornal.

O sr. Lucio de Azevedo, pelo telefone, sente-se que está um tudo nada atarefado. Responde rápidamente, agita-se um pouco na cadeira, mexe em papeis. Estes ruidos indiscretos, aceleram a nossa conversa. Não queremos de maneira nenhuma crucificar o sr. Lucio de Azevedo, ao auscultador.

Continuamos:

—E os sêlos? Diogenes, em Atenas, não teria certamente mais dificuldade em encontrar um homem: de que nós em lobrigarmos por essas capelistas de Lisboa uma estampilha, uma misera estampilha de 10 centavos!—ironizámos de cá.

—Oiça: a falta de sêlos pertence ao problema das mutações rápidas. As novas taxas, foram tão vertiginosamente aprovadas e entraram tão depressa em vigôr que a Casa da Moeda, foi apanhada de surpreza. Não nos avisaram com a necessária antecedencia para que fabricassemos os novos sêlos e d'ahi o estarmos agora fazendo estampilhas, a toda a pressa. Ele é a galvanoplastia, a côr, o preço. E tudo isso corresponde a novos moldes e a trabalhos delicados, que se não podem realizar á *oil d'oiseau*.

—E quando voltaremos a estampilhar livremente? soprámos.

—Creio que dentro de quinze dias, teremos o mercado abastecido. E olhe que não é só Lisboa; é Portugal inteiro...

—Muito obrigado, sim!

—Sempre ao seu dispôr! ouvimos ainda, conjuntamente com um remexer impaciente de papeis.

Aqui têm, pois, os leitores, como em cinco minutos de conversa telefónica, desvendámos um grande enigma—porque não temos sêlos.

OURO compra por alto preço
"A Realidade,,
Rua Eugenio Santos, 44

A CIDADE

UMA IMPORTANTE MISSÃO JUNTO DO NOSSO GOVERNO

A vinda a Lisboa de um representante da Sociedade das Nações

O sr. dr. Corrado Gini diz ao "Diario de Lisboa" o objecto da sua missão

Está em Lisboa o dr. Corrado Gini, professor da Universidade de Padua, que vem a Portugal como representante da Sociedade das Nações, encarregado de uma missão especial junto do governo portuguez. Um redactor do *Diário de Lisboa* teve ocasião de falar hoje com o ilustre professor italiano, a quem interrogou sobre o objecto da sua viagem a Portugal. O dr. Corrado Gini acedeu gentilmente a dar-nos algumas informações.

—Cheguei há três dias a Lisboa e venho colher alguns dados para o inquérito que a Sociedade das Nações está organizando sobre materias primas e generos alimenticios. Este inquérito foi provocado pela discussão feita nas conferencias de Washington e de Bruxelas e depois da realização da Assembleia geral de Genebra. Trata-se da possibilidade e da oportunidade, por parte da Liga das Nações, de tomar importantes medidas, no sentido de assegurar aos diferentes Estados uma repartição equitativa de materias primas e de generos alimenticios.

E' ainda o altissimo problema dos abastecimentos que é preciso pôr em ordem e a Sociedade das Nações tomou a peito ocupar-se dele com todo o carinho, a fim de evitar a falta de generos alimenticios nos paizes associados.

O dr. Corrado Gini esteve já em Madrid, e vai correr todas as capitais europeias, a fim de assegurar o envio de informações pedidas pelos questionários que a Sociedade enviou já aos diferentes governos e outras que possam ser uteis ao inquérito a que se está procedendo.

O enviado da Sociedade das Nações avistou-se já com o sr. presidente do ministerio, *très gentil*, segundo ele próprio nos declarou, o que não impede que tenha encontrado algumas dificuldades no desempenho da sua missão. Essas dificuldades têm uma origem: a *désordre* dos nossos serviços de informação.

A's 14 horas de hoje ainda o professor Corrado Gini aguardava no seu hotel alguem que o pudesse guiar na peregrinação que vai fazer ás diferentes repartições dos ministerios do Comercio e dos Negócios Estrangeiros.

O nosso entrevistado despede-se do jornalista com algumas palavras amaveis, dizendo-nos que não valia a pena fazer qualquer referencia á *désordre* de que nos falou. Que ele nos perdôe a indiscreção.

Governador de Huila

As associações comercial e industrial de Huila telegrafaram ao alto comissario de Angola, pedindo-lhe para ser conservado como governador do distrito de Huila o capitão sr. Antonio de Almeida.

AS PRECIOSIDADES ASSIRIAS

As reclamações diplomaticas sobre a carga do "Cheruskia"

O sr. Matos Sequeira, distinto arqueologo é de parecer, que as preciosidades assirias sejam entregues á Alemanha em virtude de não haver em Portugal quem delas entenda

O sr. Gustavo de Matos Sequeira, rebuscador incansavel de velhas pedras, daquélas pedras que ainda dizem e falam do passado enterrado pelas cinzas dos milénios, tratou há tempos apaixonadamente na imprensa das preciosidades assirias, que o destino da guerra quiz que ficassem nas nossas mãos.

Lembram-se? Foi o *Cheruskia*, um belo barco alemão, que pairara no mar Vermelho e que de lá voltava com destino á Alemanha, carregado dos restos duma civilização, e, talvez, de todo um traiado de historia, ainda por aprender, por conhecer; que num daqueles dias, incertos, da grande guerra, singrou Tejo acima, pedindo guarida. O resto sabem-no já...

Matos Sequeira recosta-se no cadeirão do seu gabinete de funcionario aduaneiro e afirma-nos perentoriamente:

—Mas já está tudo dito!

—A questão renasce, esclarecemos.

—Há um ano, tratei-a muito de perto...

—Recorda-se quantos são os caixotes do *Cheruskia*?

—Quatrocentos...

—Onde estão agora?

—Presumo que na Rocha do Conde de Obidos...

—Chegou a ver o conteudo de algum deles?

—Sim; andei por lá quando o Tribunal do Comercio procedia á avaliação...

—E essa avaliação?

—Ficou em suspenso.

—Porquê?

—Por causa dumas reclamações diplomaticas.

—Reclamações diplomaticas!? fizémos nós com espanto. E logo: —foi a Alemanha que as fez?

—Não, não foi! Ao que me disseram então, debaixo de todas as reservas, as reclamações partiram da Belgica e da Inglaterra. Parece que essas nações temiam que nós ficassemos com a carga do *Cheruskia*, que elas ambicionam bastante possuir...

O jornalista lembrou-se, então, que preguntara já, em que consistiam os objectos do *Cheruskia*. A pregunta era interessante; repetimo-la outra vez. O sr. Matos Sequeira respondenos assim:

—Um dos caixotes que se abriu continha lampadas de bronze, figuras de jaspe, marmores, pedras com inscrições, ornatos e pouco mais.

E como o sr. Matos Sequeira tornasse a dizer que o assunto estava exgotado, que sobre ele caira uma pedra negra que o amortalhara, inquirimos a sua opinião sobre o destino a dar a esses objectos.

—A minha opinião, não é? Ela modificou-se um pouco. Sob o ponto de vista geral, sob o ponto de vista artistico, sou partidario da entrega dessas preciosidades á Alemanha. Entre nós não existe ninguem que conheça a fundo a assiriologia e a catalogação desses objectos; torna-se imensamente dificil, quasi impossivel, devido á falta dos chamados cadernos de excavação, que os identificam, os revelam, os colocam na idade onde nasceram e por assim dizer, viveram. Ora esses cadernos estão na Alemanha... E eu não sei se os sabios alemães viriam até cá fazer esse trabalho de catalogação.

«Sob o ponto de vista patriotico, sob o ponto de vista restricto, entendo que a carga do *Cheruskia* fique em Portugal. Mas nós não temos museus; não temos ninguem a quem eles possam ser entregues...

—Então?

—Então, ou para Portugal ou para a Alemanha é que os caixotes devem ir. Não compreendo que qualquer paiz os pretenda, quando Portugal os apreendeu como boa presa de guerra, ao abrigo do direito internacional.

E foi tudo quanto nos disse o sr. Gustavo de Matos Sequeira, distinto arqueologo. Sem duvida, que esta conversa rapida, que o jornalista teve com ele, foi uma bela descoberta *arqueologica*, para os leitores do nosso jornal. Alguma coisa mais se sabe de novo e isto dito por um homem que decididamente nos afirmara nada saber. E' sempre bom insistir, senhores jornalistas!...

Louvores a diversas entidades

por serviços prestados nas solenidades da glorificação dos herois desconhecidos

O sr. ministro do Interior louvou, em portaria, o governador civil do Funchal, pelos serviços prestados por ocasião da passagem, por aquela cidade, do cadaver do soldado desconhecido de Africa; os governadores civis de Lisboa, Porto, Coimbra e Leiria e a guarda republicana, pelos serviços prestados por ocasião da visita das missões aliadas; a camara municipal do Porto, pelos serviços prestados por ocasião da visita das mesmas missões ao norte do paiz.

A falta de fiscalisação da costa do Algarve

A eterna questão dos cercos espanhois

Continua diariamente a receber-se no ministerio da Marinha queixas contra a falta de fiscalisação da costa do Algarve, que permite aos cercos espanhois cometerem verdadeiros abusos. O sr. ministro da Marinha mandou ouvir as estações competentes para resolver de pronto esse assunto.

Notas Mundanas

A caridade

No Salão de S. Carlos

E' esta noite que no salão nobre do teatro de S. Carlos se realisa, o baile de subscrição organisado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, para o qual tem convite tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, assim como o corpo diplomatico. O baile será abrilhantado por uma orquestra que executará o «jazz-band» e um sexteto, estando o serviço da ceia a cargo da acreditada «Patisserie Garrett».

A noite de hoje no Salão de S. Carlos, marcará nos anais muitos anos como uma das mais belas da temporada.

A opereta «Rip»

Termina ámanhã das 4 ás 6 e meia da tarde a entrega dos bilhetes marcados para a segunda récita da lindissima opereta «Rip», no escritorio do teatro S. Carlos, entra a pela rua Serpa Pinto.

Dos bilhetes não requisitados a ilustre comissão desporá deles, em favor de novos pedidos.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Clementina da Silva Carvalho Santos, D. Maria Clara Saldanha da Gama Alcobia Cirne, D. Laura Perry Vidal de Saude Meneses e Vasconcelos, D. Maria Candida dos Santos Silva de Almeida Valejo, D. Maria de Jesus Salema Manuel (Atalaia), e D. Garcia Maria Pinheiro Lobo Machado (Pindela).

E os srs:

D. Antonio de Almada e Lencastre (Sotto d'El-Rei), D. Manuel de Castelo Branco (Pombeiro), Octavio da Silva Leitão, Alfredo de Campos Valdez e João Viana de Lemos da Costa Salema.

—Completa hoje 37 anos o nosso querido camarada de trabalho Miguel Martins, chefe dos serviços graficos deste jornal.

Casamentos

Realiza-se no proximo domingo o casamento da sr.a D. Constança Berquó de Mendonça (Loulé), gentil filha da sr.a D. Ana de Jesus Maria Berquó de Mendóça (Loulé) e do sr. João Maria da Camara Berquó, com o sr. José Pedro de Basto Feio Folque, filho da sr.a D. Joana Xavier de Basto Feio Folque e do sr. Alberto Carlos Feio Folque, já falecidos.

—Realizou-se no dia 4 do corrente na igreja dos Jeronimos, o casamento da sr.a D. Deolinda de Jesus Leal, gentil filha da sr.a D. Zulmira Leal e do sr. Joaquim da Silva Leal com o sr. Bartolomeu José Louro.

Findo o acto religioso foi servido em casa dos pais da noiva um finissimo «lunch», seguindo depois os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Pela sr.a D. Leonor Costa, esposa do sr. Firmino da Costa, foi pedida em casamento para seu filho Mario a sr.a D. Adelina Caréeho, gentil filha da sr.a D. Assunção Dias Caréeho e do sr. Adelino Caréeho.

O casamento realiza-se em outubro proximo.

—Realizou-se no sabado no igreja dos Martires o casamento da sr.a D. Mariana da Conceição Noronha de Carvalho Monteiro, gentil filha da sr.a D. Tereza de Jesus de Carvalho Monteiro e do sr. Lourenço José Monteiro, com o sr. Angelo Corbal Hernandez, que actualmente se encontra no Lubango, que se fez representar por seu tio o sr. Andréz Corbal Hernandez

Serviram de madrinhas as sr.a D. Alice de Oliveira Leite e D. Tereza de Carvalho e de padrinhos os srs. José Antonio de Carvalho e Oliveira e Benito Corbal Esteves.

Celebrou o acto o reverendo prior conego Miguel Augusto Ferreira.

A noiva segue para o Lubango no proximo paquete, a fim de se juntar a seu marido.

Clubs elegantes

No Monumental

Continuam sendo concorridissimos os chás elegantes das quintas-feiras e domingos que teem lugar neste magnifico club, ás Portas de Santo Antão. Haja em vista o de hontem, em que a linda sala do «restaurant» apresentava um aspecto encantador.

Tambem teem revestido grande brilhantismo as «soirées» dançantes, sobretudo as dos sabados, em que se reune ali a nossa «jeunesse dorée».

No Maxim's

Este belo club da praça dos Restauradores continua batendo o «record» da concorrencia todas as noites. Tanto os jantares como os bailes continuam sendo o ponto de reunião preferido pelos principais rapazes da nossa melhor sociedade, para os seus «rendez-vous» quotidianos.

Pontos de reunião

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» amanhã de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Coudes e á noite na recita da moda do teatro da Trindade, com a peça «Pescadores de perolas» e na «soirée» elegante do Chiado Terrasse.

Em viagem

Partiu com sua esposa, sr.a D. Fernanda Barreira de Campos, para Badajoz, onde vão assistir ás corridas de touros, o sr. Fernando de Campos.

—De visita ás suas propriedades nos Açores, partiram ante-hontem os srs. Marqueses da Praia e Monforte.

—Acompanhado de sua esposa a sr.a D. Clotilde Raposo de Alte Espargosa, encontra-se em Lisboa o sr. D Rui Vaz de Siqueira (S. Martinho).

—Para Badajoz, partiram tambem os srs. conde de Calhariz, D. José da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo), Raul Gilman, Augusto Pereira de Melo e João Perestrelo de Vasconcelos.

—Está em Lisboa o capitão de artilharia sr. João Teixeira Pinto.

—Vindo do norte, encontra-se em Lisboa o sr. conde de Vizela.

—Regressou do Porto, com sua esposa, o sr. Policarpo Otero Salgado.

PROVINCIAS

Na Regua

A viagem do sr. dr. Julio Martins

Regua, 14

De passagem para Vila Real, onde vão em missão de propaganda do seu partido, são esperados aqui hoje os srs. dr. Julio Martins, Cunha Leal e outros vultos do partido popular.

A falta de chuvas

Tem chovido nestes ultimos dias, o que veio em muito beneficiar a agricultura. A falta de chuva na epoca propria veio causar muitissimos prejuizos; esta, vinda agora, ainda veio acudir a muita coisa, se não teriamos um ano de fome.

As vinhas apresentam-se admiraveis. Por emquanto não ha indicios de méldiu ou qualquer molestia, tudo indicando que vamos ter um ano de produção e qualidade excepcionais... embora não haja quem compre o vinho.

A questão dos vinhos

Para tratar da questão dos vinhos, e promovida pela Comissão de Viticultura Duriense, efectua-se ámanhã aqui uma importante reunião de lavradores, Camaras e Sindicatos da Região.

—Regressou de Lisboa onde foi junto do Governo, tratar tambem da mesma importantissima questão, o sr. dr. Antão de Carvalho, presidente da Comissão de Viticultura. S. ex.ª conta em breve seguir para Paris com os outros membros da Viticultura a tratar do mesmo assunto.

As festas do Socorro

Aproximam-se os dias da festa do Socorro, a antiga, tradicional e afamada romaria, que a esta vila atraía sempre milhares de forasteiros. Este ano não vemos que alguem tome a iniciativa de organisar esses festejos.

E assim deve ser, desde que provado está que a Associação Comercial, como representante da classe que mais lucra com eles, nunca se dignou, não digo já tomar a seu cargo a realização desses festejos, mas ao menos auxiliá-los ou de qualquer forma concorrer para o seu brilhantismo. Tudo indica, pois, que não teremos as festas do Socorro, e com isso só perde, e não é pouco, a nossa terra.

Em Alhandra

"Entre giestas", de Carlos Selvagem

Alhandra, 13.

Com a peça de Carlos Selvagem «Entre giestas» inaugurou o Grupo dos Amadores Dramaticos de Alhandra os seus espectaculos no Teatro Salvador Marques desta vila.

De Lisboa vieram tomar parte neste espectaculo alem de outros, a distinta actriz Leopoldina Nilo que fez a protagonista, agradando bastante o seu trabalho.

Todos os amadores desempenharam a contento os seus papeis.

Consta-nos que o referido grupo está ensaiando novo espectaculo que se deve realizar em junho.

Em Tortozendo

Um desastre

Tortozendo, 15

Continuam ainda em tratamento alguns dos feridos do desastre do dia 5, que relatei em telegrama que foi publicado. A ferida de maior gravidade é Ann de Oliveira, de 42 anos, casada, qua tem contusão da espinal medula, encontrando-se presentemente entravada, e naturalmente perdida.

A iluminação publica

A iluminação publica desta povoação é tudo quanto há de mais interessante! Ha ocasiões em que os candieiros se acendem antes do sol posto, outras há em que não se vê uma unica lamparina em toda a noite... E os candieiros, quando acesos durante pouco tempo, pois a maior parte anda a pedir funileiro ou reforma, iluminam alguma coisa dos lados em que não ha vidros, porque dos outros pouca luz dão, tamanha é a camada de lixo que têm. E paga a gente o nosso bom dinheirinho para ser tão bem servido!...

A agricultura e a estiagem

Continua a estiagem que ameaça consumir tudo. No dia 12 choveu alguma coisa, mas voltou logo o tempo espelhado e o vento de nordeste, que mais seca as terras. Prevê-se um ano de fome. A temperatura mantem-se elevada e o barometro tende a subir.

Um casamento

Realizou-se no dia 11 o casamento da sr.ª D. Natalia Pontifice, filha do importante industrial sr. Antonio Rodrigues Pontifice, com o sr. Julio da Costa, da Covilhã, filho do falecido e considerado clinico dr. Costa. Foi uma cerimonia intima.

Um julgamento

Terminou ontem o julgamento de Antonio da Silva, que em Março ultimo feriu com dois tiros de revolver Alfredo Fizão, soldado de infantaria 21, que morreu. O reu foi condenado em dois anos de prisão correcional.

Falta de franquia

Na estação de correio deste concelho já não ha postais ha mais de 15 dias! São grandes os prejuizos que tal falta causa ao comercio, mas não admira porque, em geral, entre nós, quanto mais bem se paga peor se é servido. Porêm, nós damos três vintens por um postal e um tostão por uma carta. Que grande ratice, para não dizer outra coisa que rime com ratice, é isto tudo na nossa vida publica!

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

No Fundão

Captura dum fugido da Penitenciaria de Lisboa

Fundão, 13.

Foi hoje capturado, na freguezia de Perovizeu, deste concelho, pelo 2.º cabo da guarda republicana João Manuel Sotana e algumas praças do posto da Capinha, Antonio de Sousa, o «Cirineu» que ha tempo se havia evadido da penitenciaria de Lisboa, onde estava cumprindo pena pelo crime de homicidio voluntario.

Ao preso foi-lhe encontrada a quantia de 76 escudos e dois chales, que se supõe ser produto dum roubo feito ha dias na freguezia de Aldeia de Joanes.

O «Cirineu», que já por tres vezes se evadiu da Penitenciaria, fazia parte duma quadrilha de gatunos que tinha como chefe Manuel Tonelo, tambem evadido da cadeia desta vila.

Administrador de concelho

Foi nomeado chefe da secretaria municipal deste concelho o sr. Henrique da Fonseca Mesquita.

Ha três meses que este concelho se encontra sem administrador, estando a exercer estas funções o sr. Luís Silveira, vice-presidenle da comissão executiva da camara municipal.

O sr. João Fabião, que foi nomeado administrador deste concelho, por alvará do sr. governador civil, tomou posse em 26 de abril ultimo, retirando em seguida para Idanha, onde exerce o cargo de escrivão do juiz de direito.

PERFUMES
CRENOVILLE

Em Freixo de Espada á Cinta

Chegou a chuva!

Fre[illegible]o de Espada á Cinta, 14.

Veiu finalmente alguma chuva, que salvou da ruina os lavradores, pois as cearas consideravam-se já totalmente perdidas, sendo de lamentar que tão pouca fosse.

Um troço de caminho de ferro emperrou

Não ha meio de fazer seguir o caminho de ferro de Pocinho a Miranda, que ha anos emperrou em Carviçais, estando o troço imediato, de Carviçais a Bençó, já construido á espera de material e a deteriorar-se, pois não tem pessoal de conservação que evite a breve ruina dele.

A proposta Pinder

O Douro segue com atenção o desenrolar da proposta Pinder, mas tem-se a impressão que nada sairá daqui, sendo de lamentar que assim seja, pois a questão duriense precisa de solução rapida.

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

Termas das Caldas de Canavezes
(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)
CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS
As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.
ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO
Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.
Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO
Escritorios: (Nas termas. (Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

Serração e estancia de Madeiras
Executam-se com rapidez e perfeição todos os trabalhos para Carpintaria e Marcenaria
Venda de Madeiras aos mais baixos preços
RUA DA JUNQUEIRA, 200
C. B. ANÃO L.DA

N. 7 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 16-5-921

OS SANTOS EM PÉ DE GUERRA

Novela por Aquilino Ribeiro

III

O frade gritou então para a multidão embasbacada:

—Vinde comigo!

O povo, docil a todas as praticas singulares, seguiu atraz dele numa obediencia ovelhum. Uma vez no largo, por mando seu, foram buscar á capela os velhos e os entrevados. E, ajoelhando na terra nua, de olhos fitos na falange asombrosa, Fr. José alçou a primeira voz da ladainha dos santos:

—Senhôr, tende piedade de nós.

E cinco, sete aldeias foragidas e as monjas no côro, mais alto que o vendaval numa floresta, tornaram:

—Senhôr, tende piedade de nós.

De lés a lés da ampla frontaria, a côrte celeste escutava. Ali formavam Santo Ambrosio, bispo, colosso cortado num cepo de nogueira, a mão erguida a apontar; S. Silvestre, ao ombro a cruz papal como uma raiúna de longo cano; S. Hilario, perfilado, de mão no baculo, numa posição de sentido; Santo Antão, barba de porta-machado; S. João, de cordeiro ás costas, como mochila de ordenança; São Domingos, tenaz em sua rigidez estatuaria; S. Francisco, joelho em terra, em ademanes de atirador, e Santo Antonio, arroubado ao céo, numa quebratura heroica. Confessores e anacoretas, santas matronas e virgens que foram intemeratas, debuxavam-se nos nimbos de luz e sombras, em contornos rudes, linhas amassadas de tropa que concerta a defeza ou o ataque. E até Nossa Senhora dos Remedios, num traje garrido de camponeza, tinha o ar de cantineira, e o Espirito Santo, coifado da pomba e indumentado de oiro, a dum marechal sereno que comanda. As suas pupilas e bôcas, feitas para aconselhar a serenidade, eram agora duma imponente firmeza. E as silhuetas, flageladas das laminações dos cirios, deviam ameaçar ao longe.

A mole gigantesca do convento, incandescida, rechaçava a noite para lá das casas. Distinguia-se o cêrro limoso dos telhados e a rama das fruteiras, sombra debruçada sobre os paredões das hortas.

Pouco a pouco, os retalhos da turbamulta que se tinham acaçapado pelos esconços do mosteiro, em covas e lojas escuras, afluiram ao largo. E com os santos em pé de guerra, conformavam-se, magnanimos, ao destino.

O estrepito dos franceses, entretanto, espraiava-se mais e mais, pela terra, num crescendo de furacão. Já se não distinguiam nos barrocais os cambos da serpente luminosa; embrenhada por detrás das matas, ou sumida nos reconcavos, viria coleando. Viria coleando, para surgir ante eles dum momento para o outro e — circunstancia sobrenatural — já não era aquela a multidão atormentada do sol-pôr. Um outro chôro que espontava nervoso aqui e ali, a bicha doida de mil cabeças mantinha uma quietação estranha de fascinada.

Frei José continuava lançando as santas invocações, num tom, que não era a dos seus pulmões achatados, forte e clangoroso:

— Anjos e arcanjos!

— Orai por nós! — respondiam, cada vez mais vibrantes, as aldeias a monte, ante os patriarcas extaticos, as virgens contorsidas, os evangelistas solenes, firmes como guerreiros que aguardam o sinal de carregar.

E não se podia perceber a tropeada do exercito inimigo, desembocando no vale.

IV

Já os galos tinham cantado; aqueles que velavam entre a multidão, estendida, na terra, de quebranto, febre e sono, ergueram-se, de pé sorrateiro, á escuta. Na noite não palpitava o mais sumido éco do tropel pavoroso que, lento e compacto através das barracas, se desencadeara bruscamente em tumultuoso fragor na campina descoberta, para ir fenecer para as bandas do Tavora, a toda a velocidade. Ouvia-se, apenas, o doce tagarelar das aguas de rega e o bulicio do vento nas ramalheiras.

Mas, pouco atilados no sentimento dos sons, segurança não tinham de que os franceses não estivessem alapados em baixo, nas sombras dos soutos e entre as rugas dos cômoros. Lá haviam visto numa dobadoira infernal correr, agitar-se, apagar-se as luzernas, lá podiam ter pernoitado.

(Continúa)

NO ESTRANGEIRO

AS SUBSISTENCIAS

O custo da vida

Na Inglaterra em 1 de abril era apenas de 133 por cento mais elevada que em 1914---A França reclama, porque tem a vida mais cara cinco vezes do que quando rebentou a guerra

Portugal contenta-se com vêr subir o preço de tudo quanto é necessario para se poder viver

Em França, onde, como todos sabem, o custo da vida desceu muitissimo, os jornais falam do preço da vida em Inglaterra e das medidas que é necessario adoptar para que a melhoria se acentue tão decididamente como aqui.

A Inglaterra atravessa uma crise industrial tão grande que nunca houve outra assim no mundo; ha seis semanas que, parado o trabalho de extracção de carvão, teem paralisado todas as industrias, a fome ameaça as classes proletarias e um grande perigo a nação.

A questão da Irlanda, mantendo uma agitação constante, seria por si rasão suficiente para fazer incidir menos as atenções sobre outros assuntos.

Comtudo, em Inglaterra os omnibus e os electricos estão quasi pelo preço de 1914 e os automoveis sofreram apenas um aumento de 40 %.

Ha estatisticas oficiais para o preço da vida: ha tres mezes era 173 % mais cara do que em 1914, no 1.º de março de 143, no 1.º de abril de 133.

E o inglez que dava estes esclarecimentos acrescentou:

Se a materia prima tem esta redução na origem, tem de a ter ao ser entregue ao publico. Este tem na estatistica um guia seguro, para se não deixar enganar. Se fosse necessario que o governo interviesse, fá-lo-hia apenas para castigar os exploradores, de forma que nunca mais se esquecessem.

A França, tendo sentido a guerra com muito mais intensidade que nós, reclama porque tem a vida mais cara 5 a 6 vezes do que em 1914 e mostra o exemplo daqueles em que, apesar das greves e da guerra civil, o custo da vida já é apenas de 2 a 3 vezes mais do que no principio da guerra.

E nós, em que a vida está mais cara 10 vezes, ou mais ainda, nos generos alimenticios, e de 20 a 30 vezes nas fazendas?

Nós vamos todos os dias encontrar as coisas ainda mais caras e contentamo-nos com isso.

As relações comerciais da Russia

Uma conferencia em Moscou

RIGA, 16.

A conferencia que se celebrará muito em breve em Moscow terá por objecto discutir as medidas que terão de tomar-se a respeito da extensão das relações comerciaes da Russia com o estrangeiro. Krassine, Litwinoff e os principais representantes dos «soviets» no estrangeiro participarão nela.—(R.)

NA IRLANDA REVOLUCIONARIA

Um ataque a um carro blindado

Pretendendo libertar Artur Griffith

(Serviço especial para o *Diario de Lisboa*)

DUBLIN, 16.—Ontem, os rebeldes atacaram um carro blindado em Abbatoir na estrada de cintura ao norte desta cidade. A emboscada deu resultado favoravel que feriram um soldado e tomaram o carro. Dois dos revoltosos, vestidos com uniformes de oficiais ingleses subiram para o carro e dirigiram-se para a prisão de Mountjoy, onde os falsos oficiais entraram e se dirigiram ao gabinete do governador, pedindo-lhe que libertasse um certo numero de prisioneiros. Como este se recusasse a fazê-lo, foi ameaçado assim como os oficiais que o acompanhavam com revolvers, vendaram-lhes os olhos e encerraram-nos num quarto. Entretanto, cinco rebeldes corriam para as portas e esforçavam-se para entrar mas tendo sido dado alarme pelas sentinelas que rompeu fogo ferindo um revoltoso, estes incluindo os falsos oficiais fugiram para o carro blindado e conseguiram pôr-se a salvo. Os revoltosos que fizeram parte da emboscada e deste «raid», eram em numero de trinta. Segundo noticias não oficiais, os rebeldes pretendiam libertar Arthur Griffith e outros dirigentes «sinn-feiners».

DE FRANÇA

Uma maquina que faz dormir

PARIS, 16.—Um electricista francês anuncia que inventou uma maquina para fazer dormir. Correntes electricas obedecendo a um dispositivo especial, produziriam uma sensação de ropouso fisico a que se seguiria o sono, mesmo em pessoas habitualmente sofrendo insonias.

EM CONSTANTINOPLA

Assalto a um barco inglês

Dois passageiros mortos

CONSTANTINOPLA, 16.—Soldados da policia kemalista, atacaram um barco inglês que conduzia doze passageiros turcos de Messina para Smyrna. Dois dos passageiros morreram com maus tratos. Os kemalistas impediram a intervenção dos ingleses ameaçando-os com os revolvers.

EM LONDRES

Casas atacadas por "sinn-feiners"

Seis pessoas feridas gravemente

LONDRES, 16.—Deram-se casos de gravidade em seis arrabaldes de Londres que são atribuidos aos «sinn feiners». Homens armados e mascarados atacaram um determinado numero de casas, lançaram-lhes fogo e fizeram uso das suas armas contra todos os que se quizeram opôr aos seus designios, tendo ferido seis pessoas com muita gravidade.

Lloyd George e os polacos

LONDRES, 16.—A imprensa francesa protesta contra as palavras de Lloyd George no parlamento ácêrca da agressão polaca. Alguns jornais acusam-no de excessiva severidade para com a Polonia, e de benevolencia para com a Alemanha, dizendo que o primeiro ministro britanico é um individuo apaixonado e impulsivo.

Sociedade Portuguesa de Administrações

SOC. ANON. DE RESP. LIM.

CAPITAL AUTORISADO: 5:000 CONTOS — CAPITAL EMITIDO: 1:000 CONTOS

Endereço telegrafico "Spa"—Cod. Ribeiro: A. B. C. 5.ª Ed.—Lieber's

SÉDE — Calçada do Sacramento, 14, 1.º — LISBOA

TABELA DE COMISSÕES
ADMINISTRAÇÃO DE BENS

(*) Recebimentos de Juros e Dividendos—Lisboa e Porto....	1 0/0
Recebimentos de Juros e Dividendos—fóra de Lisboa e Porto	1 1/2 0/0
Recebimentos de Heranças e Legados	Convencional
Compra e Venda de Titulos..........	1 0/0
Compra e Venda de Prédios rústicos e urbanos..........	1 0/0
Cobrança de rendas de predios..........	2 0/0
Cobrança de Pensões do Estado..........	2 0/0
Cobrança de ordenados e vencimentos..........	2 0/0
Pagamentos de impostos:—por um predio..........	Esc. 3$00
por 2 a 4 predios, cada um..........	Esc. 2$00
por 5 predios ou mais, cada um..........	Esc. 1$80

Administrações mais complexas, condições convencionais

PARIS E BERLIM

A nova ocupação

O que pensa a população de Essen---As fabricas Krupp e os temores das industrias --- Os que vivem de visar passaportes em França --- A questão do alojamento na cidade de Essen

"O que nós receamos com a vinda dos franceses, é o bolchevismo"—diz um engenheiro alemão

Nas regiões ocupadas reina um modo de vida interessante. Parece que Paris e Berlim são duas cidades da mesma nação. Nem quem vai a Berlim, nem quem vai a Paris precisam de visar os passaportes. Grave risco para os que, em Berlim, vivem de fabricar passaportes falsos para França...

Onde estava iminente a ocupação havia um estado de espirito diverso. Era considerado como inevitavel; o publico, em geral, brincava com o assunto. No mercado as vendedeiras diziam:

Compre, compre depressa. Olhe que veem os franceses e tudo sobe de preço.

E' de notar que já estão preparados para as requisições de automoveis na cidade de Essen.

—Era o que nos preocupava dizia um funcionario, serenamente, assim como tambem a questão de alojamento. Mas já tinhamos feitas as listas, reclamadas pela autoridade alemã. Fomos buscá-las; está tudo pronto...

Na fabrica Krupp, cidade de ferro, havia outro receio; antes porêm é digno de interesse dar algumas indicações ácêrca da fabrica.

Passa-se entre o ruido das bigornas e dos aparelhos laminadores. De vinte em vinte metros duas portas monstros, uma defronte da outra, ligadas por uma via ferrea, onde está um distico: Parar ao primeiro toque de campainha: é um comboio que vai passar.

Em todos os lados se faz sciente por meio de avisos, que é obsequio evitar o dissabor de ter que recusar autorisação para visitar a fabrica.

Um engenheiro exprimia o seu receio pela ocupação desta maneira:

—Não sabemos nada ácêrca da ocupação. Que nos deixem trabalhar! As questões politicas são-nos indiferentes. O que nós receamos com a vinda dos franceses, é o bolchevismo. Por toda a parte defendem o operario contro o patrão. E depois será preciso tempo para curar a Alemanha da desordem e da indisciplina que levam a toda a parte, para a fazer trabalhar como precisa...

O processo dos criminosos de guerra

começará a ser julgado no dia 23

LONDRES, 16.

O procurador geral, sr. Polook, sairá no dia 20 acompanhado de varios advogados e de outro pessoal para assistir aos processos dos criminosos de guerra, que começará em Leiptzig a 23 de Maio.—(R.).

DIARIO DE LISBOA

Encontra-se á venda em todos os quiosques e t bacarias.

TEATROS

Festas artisticas

A opereta «Sinos de Corneville» que, como temos noticiado, sobe á scena no teatro S. Luiz, na proxima quinta-feira, 19, em festa artistica do notavel actor Henrique Alves, hoje em dia um dos mais belos elementos da magnifica companhia de Armando de Vasconcelos, continua sendo assunto de todas as conversações.

—E' definitivamente no proximo dia 25 que no S. Luiz realiza a sua festa artistica o distintissimo actor-cantor Fernando Pereira, artista que de ha muito ocupa na opereta um lugar brilhante.

Fernando Pereira escolheu para o espectaculo dessa noite a peça «O Reisinho», que de ha muito se não representa entre nós e a opereta em um acto «Boa Viagem», original de Pedro Bandeira e Guedes Vaz, com musica dos maestros Neuparth Vieira e Kjoner.

—Continua marcada para depois de ámanhã, no Gimnasio, a festa artistica da gentil actriz Berta de Biva.

Nessa noite, em «première», representar-se ha, como temos dito, a peça «Adão e Eva», original de Jaime Cortezão.

Soltas

Por doença grave da actriz Emilia Duarte, a empresa do teatro Gil Vicente contratou a actriz Elvira Martins, que debutará na opereta em 3 actos «A Rosa do jardim», original português de Artur Inez e Venceslau de Oliveira, musica do maestro Raul Portela, cuja «première» terá lugar no proximo sabado 21.

Reclamos

S. LUIZ—A primeira série das representações da engraçada opereta de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, com musica de Filipe Duarte, «J. P.-C.», termina impreterivelmente na proxima quarta-feira 18, em vista da empresa ter que satisfazer varios compromissos anteriores.

NACIONAL — Hoje repete-se o notavel drama «Amor de Perdição».

Amanhã, em definitiva despedida, vai á scena «A Dama das Camelias».

GIMNASIO—Esta noite, em despedida, representa-se a famosa peça «Duas Causas», em que Alves da Cunha tem uma das suas mais notaveis criações. Vai tambem á scena, pela ultima vez, a farça «A agencia Texugo».

TRINDADE—A grande atracção teatral da actualidade continua sendo «O pescador de perolas». Cada vez que se representa é certo ter o teatro uma colossal enchente, saindo de lá o publico satisfeitissimo, não só com a peça, como, tambem, com o esplendido trabalho dos artistas.

AVENIDA—Hoje realiza a sua festa artistica o distinto actor João Lopes, um dos mais apreciaveis elementos da companhia Maria Matos.

POLITEAMA—A penultima representação da deliciosa opereta «Paris-Monte Carlo» efectua-se esta noite. A peça fez carreira porque tem de tudo quanto é necessario para agradar ao publico musica linda, entrecho interessante e scenario vistoso.

APOLO—Continua enchendo todas as noites, porque é real, patente e verdadeiro o grande sucesso produzido pela extraordinaria fantasia regional «Porto, tantos de tal».

EDEN—Foi uma loucura a reaparição ao publico de Lisboa do formidavel e misterioso hipnotisador Stevenson, que, positivamente, empolgou a plateia enorme que teve o prazer de assistir aos seus trabalhos cheios de emoção, de brilho, de imprevisto e de artistico.

COLISEU DOS RECREIOS—Great Carmo, o extraordinario artista que tem atraido ao Coliseu todo o publico de Lisboa, ali levado pela fama dos seus inexplicaveis exercicios, vai iniciar os seus ultimos espectaculos. Em Lisboa encontram-se os dois mais importantes agentes artisticos ingleses, que vieram expressamente para propôr a Great Carmo vantajosos contratos.

Licença concedida para uma viagem ao estrangeiro

Foi concedida licença, até o fim do corrente ano lectivo, ao sr. dr. Silvio Rebelo Alves, professor de farmacologia e terapeutica da faculdade de medicina de Lisboa, para ir a França, Suiça, Alemanha e Italia estudar os progressos da terapeutica experimental.

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 842—LISBOA

LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49
Livros tecnicos de todas as especialidades

Todas as senhoras elegantes
COMPRAM MUSICAS NA CASA
Valentim de Carvalho
Rua da Assunção, 39

Ultimas Noticias

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

O publico das galerias e os trabalhos parlamentares

A intervenção das galerias nos trabalhos parlamentares já constitue materia mais ou menos corrente, mas poucas vezes a temos presenceado nas condições em que ela se fez na ultima sessão. Os manifestantes não eram em numero superior a cem, mas a impetuosidade e o arrojo com que eles se dirigiram insultuosamente aos legisladores é que excederam tudo quanto no genero temos observado.

Sublinhados com gestos ameaçadores, ouvimos, por entre vivas á Republica, as frases mais contundentes e rancorosas, que muito ofendendo o prestigio parlamentar, fizeram vibrar de indignação quási todos os membros da camara, dispostos, agora, segundo parece, a não consentirem que tais casos não voltem a dar-se impunemente.

Efeitos dos acontecimentos de sexta-feira

Foram os graves tumultos produzidos nas galerias da Camara dos Deputados que prejudicaram a sessão nocturna marcada para sexta-feira e evitaram que houvesse sessão no sábado, protelando assim o inicio da discussão do orçamento do ministerio da Agricultura.

Foi retirado da comissão de legislação criminal o parecer sobre o projecto Orlando Marçal

A fim de se evitarem scenas desagradaveis e de consequencias possivelmente muito sérias, a presidencia da Camara retirou da ordem do dia o parecer da comissão de legislação criminal sobre o projecto do sr. Orlando Marçal, amnistiando os crimes comuns com origem politica. Diz-se que vai ser redigido outro, que talvez colha maioria de votos, não deixando de visar os mesmos objectivos.

O caso Liberato Pinto

Dizia-se hoje, nos corredores de S. Bento, que o sr. Liberato Pinto aguarda ocasião oportuna para desfazer tudo quanto se tem feito correr contra si nos meios politicos e na imprensa.

Os tribunais de defeza social e o dr. Ramos Preto

Ao que consta, o sr. dr. Ramos Preto apresentará brevemente no Senado uma proposta revogando a lei que instituiu os tribunais de defeza social. Afirma-se que o ex-ministro da justiça fundamentará o seu gesto na circunstancia do referido diploma se prestar a interpretações alheias ao espirito que o ditou.

O novo ministro de Portugal em Espanha

Há quem afiance aqui, nos Passos Perdidos, que o sr. Vasco Borges irá representar Portugal junto da côrte espanhola.

O orçamento do Ministerio da Agricultura

Auxiliado pelo sr. Baltazar Teixeira, o dr. Costa Junior está fazendo um largo estudo sobre as verbas do orçamento do ministerio da Agricultura, sendo certo que tem encontrado nelas interessantissimas anomalias.

A exoneração do major sr. Azeredo

Garante-se que o caso da exoneração do major sr. Azeredo, do lugar de comandante da policia civil de Lisboa, vai ser tratado no Parlamento, por haver quem filie essa demissão no facto de ter acabado a *Imprensa de Lisboa*.

Vai haver crise ministerial?

Com relação á estabilidade governamental, é voz corrente no Parlamento que a barcaça mete agua por todos os lados. Assevera-se mesmo que a próxima crise será total.

O conflito academico de Coimbra

A propósito do conflito universitário de Coimbra, acabamos de ouvir o seguinte diálogo:

—Como é que o ministro da instrução se há de sair da questão?!...

—Ora, como!... Saindo do governo!

A Sociedade das Nações e a Argentina

Uma nota do governo de Buenos Aires

GENEBRA, 16.

O governo argentino acaba de dirigir uma comunicação oficial ao Secretariado da Sociedade das Nações, na qual alude ás emendas apresentadas ao pacto da Sociedade pelo senhor Puyrredon na primeira assemblea geral celebrada no mês de Novembro do ano passado.

Nesta nota, o governo argentino trata de demonstrar que, contrariamente aos boatos propalados pela imprensa europeia e apesar dos incidentes que motivaram a retirada do sr. Puyrredon, a Republica Argentina não renuncia á sua condição de membro da Sociedade das Nações.—(R.).

O cultivo das perolas

Experiencias segundo o metodo japonez

LONDRES, 16.

Vão fazer-se em breve nos estabelecimentos de pescarias da Zeelandia experiencias do cultivo de perolas segundo o método japonês, isto é, introduzindo nas ostras produtoras de perolas um pedacinho de nacar.—(R.).

TIJOLO
Vende aos mais baixos preços do mercado
C. B. ANÃO L.DA
Rua da Junqueira, 200

Declarações de Krassine

Contractos comerciais com os Estados Unidos, Alemanha e Suecia

HELSINGFORS, 16.

Falando diante do conselho economico dos Soviets, Krassin deu conta da compra feita aos Estados Unidos de 600.000 pares de sapatos e de importantes quantidades de carvão e de varios contractos firmados com a Alemanha e a Suecia para a compra de maquinas.—(R.).

Exonerações na policia

Parece que amainou um pouco a tempestade de boatos no governo civil.

Afirmava-se hoje, á boca pequena, que o sr. major Marreiros de modo algum poderia ser exonerado por influencia do sr. governador civil, atendendo a razões de ordem politica.

Quanto ao tenente, sr. Barros Queiroz, que já foi comissario de policia e que de novo se indigita para aquele logar, ninguem acredita que aceitará o convite, devido á sua vida actual de actividade comercialista. No entanto, já hoje vimos no governo civil o capitão, sr. Quaresma, da guarda republicana, a conferenciar com alguns dos seus camaradas que ali estão em comissão de serviço.

Aguardemos os acontecimentos...

O sr. ministro da Guerra

parte para as Caldas da Rainha

O sr. ministro da Guerra foi hoje ás Caldas da Rainha, conforme noticiámos, a pôr no estandarte da Camara Municipal daquela vila as insignias do grau de cavaleiro da Torre e Espada. O sr. Alvaro de Castro, que regressa esta noite a Lisboa, foi acompanhado pelo chefe do seu gabinete e por dois ajudantes.

DESASTRES NO TRABALHO

O Instituto de Seguros Sociais aprova varias pensões

O conselho de administração do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios aprovou os processos de desastre no trabalho, em que a Mutualidade do Norte deverá depositar 560$ para garantia da pensão a pagar a José Dias Sardo e Maria de Jesus Sardo, pelo desastre de que foi vitima Manuel Dias Sardo; Antonio Carlos Rocha, 680$50, para identica garantia a Gertrudes Maria, pelo desastre sucedido a Ventura Vicente, e Eduardo Fernandes, 3.060$, para garantia da pensão a Guilherme Semedo pelo desastre de que foi vitima este pensionista.

José Sarmento

O nosso scintilante camarada na imprensa, sr. José Sarmento, que há alguns mezes se encontrava em Constancia retemperando a sua saude abalada, está em Lisboa desde ontem e visitou hoje o *Diário de Lisboa*. Fazendo votos pelo seu completo restabelecimento, agradecemos a gentileza que nos dispensou.

Desaparece da Alfandega

a carga do "Cheruskia"?

Afirma-se que determinado pessoal aduaneiro está vendendo por bom preço as peças que constituem a carga do *Cheruskia*, desde que os jornais lhe atribuiram um grande valor. As preciosidades assirias foram colocadas ao ar livre, no entreposto, e parece que vão desaparecendo a pouco e pouco, sem que as autoridades se resolvam a tomar imediatas providencias.

Consta que já vieram de Espanha alguns coleccionadores de coisas de arte, que regressam ao seu país com encomendas preciosas.

Conferencia adiada

A direcção da Sociedade Odontologica Portuguesa tinha aprazada para hoje uma conferencia com o sr. ministro das finanças. Como o sr. Antonio Maria da Silva não comparecesse no seu gabinete, ficou aquela entrevista adiada para melhor oportunidade.

DA ARCADA

—Foi nomeado chefe da circunscrição de hidraulica agricola do centro o engenheiro sr. Vasco Correia Martins.

—Foi louvada em portaria a camara municipal de Lisboa pelos serviços prestados por ocasião dos funerais do dr. Alexandre Braga.

O governador de S. Tomé

Insiste no seu pedido de demissão

O governador de S. Tomé comunicou ao ministerio das Colónias, que em virtude de ter sido afastado do serviço o sr. Baeta Neves, por motivos da sindicancia que se está procedendo aos serviços de Curadoria dos serviçais e colonos daquela provincia, pede para indicar quais os vencimentos que devem ser abonados ao referido funcionário. O governador da mesma provincia mais uma vez insiste na sua imediata exoneração.

CONFERENCIA

Promovida pela Sociedade Naturista Portuguesa realisa-se hoje, pelas 21 horas, a 6.ª conferencia do sr. dr. J. Bentes Castel-Branco, na rua Antonio Maria Cardoso, sob o tema «A higiene profissional».

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	5 3/8	5 1/2
« 90 dias	5 1/2	—
Paris	956	980
Suissa	2004	2052
Belgica	952	975
Italia	624	640
Berlim	195	210
Holanda	4031	4128
Madrid	1488	1524
New-York	11152	11418
Cambio-Rio s/Londres	—	—
Desconto do Banco de Inglaterra	—	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	7 0/0	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	45500	47500
Agio do ouro	900 0/0	955

AUTOMOVEIS
Vendem-se 2, Berliet e Brasier.
Largo do Marquez do Lavradio, n.º 15.